

É elevada a prevalência de doença mental na população adulta (segundo a OMS 1 em cada 5 sofre de perturbação mental), Sabemos que muitos destes adultos terão filhos crianças e que existe um maior risco de descompensação psicopatológica nas crianças filhas de pais com doença mental. Vale então a pena debruçarmo-nos sobre os efeitos da psicopatologia parental na saúde mental das crianças, tanto mais que o impacto poderá ser diferente em função do estágio desenvolvimental da criança.

As reflexões clínicas a partir de um caso tipo de criança em idade escolar, realizadas pelos colegas da Unidade de Pedopsiquiatria do Hospital Garcia de Horta permitem uma melhor compreensão da rede de interações transgeracionais envolvidas na patologia psiquiátrica parental e das suas repercussões no desenvolvimento psico-afetivo das crianças. As dificuldades de adesão, o risco de ruptura abrupta do tratamento e a procura de estratégias de intervenção que se adequem às necessidades destas famílias serão abordadas no artigo “Crescer na Doença”.

Num segundo artigo sobre a mesma temática teremos possibilidade de conhecer os resultados da análise dos casos observados numa consulta de primeira infância, “Consulta Pais e Filhos”, especificamente criada para intervenção precoce e monitorização dos filhos de pais com doença mental grave. Esta consulta resultou de uma colaboração entre o Serviço de Psiquiatria de Adultos e o Serviço de Psiquiatria da Infância e Adolescência do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia/Espinho. Só num dos casos era o pai identificado como doente, todos os outros eram as mães as referenciadas com doença mental grave. Confirmou-se a maior incidência de perturbação da relação e de psicopatologia da criança e ainda a resistência dos pais/mães à avaliação e ao seguimento das crianças na consulta de saúde mental. A não adesão das famílias será objecto de reflexão dos autores mas é

um desafio que deve merecer a atenção de todos nós, profissionais de saúde mental da criança.

A saúde mental dos adolescentes será abordada a partir da caracterização da população admitida na Urgência Pediátrica do Porto (UPP) e que necessitou de observação urgente por Pedopsiquiatria (0,3% das admissões). A maioria era do sexo feminino com um pico de prevalência máxima nas raparigas de 16 anos. A psicopatologia mais frequente pertence às perturbações de humor sendo a perturbação depressiva major a mais prevalente. Recomendamos uma leitura atenta dos dados apresentados bem como das hipóteses avançadas relativamente à organização dos serviços.

A intervenção psicoterapêutica com adolescentes numa perspetiva psicanalítica, suportada em aportes teóricos nomeadamente de A. Coimbra de Matos, vai alertar-nos para a importância da relação terapêutica como agente de mudança e da contra-transferência do psicoterapeuta como elemento determinante na evolução do processo terapêutico.

Aliar a investigação clínica à prestação de cuidados de saúde mental é um desejo partilhado por muitos dos profissionais da área da saúde mental infantil. Globalmente estes 4 artigos agora publicados, resultam de trabalhos de investigação clínica. Foram realizados com uma grande participação de internos de especialidade, em co-autoria com profissionais seniores.

Será esta uma das vias à integração de internos de pedopsiquiatria “nas conquistas e desafios à investigação” em saúde mental infantil?

O artigo em que um grupo de Médicos Internos de Psiquiatria da Infância e da Adolescência de Coimbra, nos dá conta das perceções, atitudes, práticas mas também das barreiras por eles identificadas ao desenvolvimento de uma componente de investigação durante o internato de especialidade, é ele próprio um exemplo de um trabalho de investigação. Felicito-os pela iniciativa. A Revista de Pedopsiquiatria estará disponível para um alargamento do debate.

Finalizamos este número com um artigo de revisão bibliográfica relativa à Comorbilidade Psiquiátrica na Perturbação do Espectro do Autismo e com uma chamada de atenção, que nos chega do Brasil, relatada por jovens Internas de Psiquiatria da Infância e Adolescência, relativa ao combate ao estigma das pessoas com doença mental. Esta iniciativa, provocatoriamente designada “tá pirando, pirado, pirou” e que para além do combate ao estigma pretende promover a

integração do doente mental, participa com o seu “Bloco”, há já 15 anos, no Desfile de Carnaval do Rio de Janeiro! Esta notícia parece particularmente importante num momento em que este país receia um retrocesso nas políticas de saúde mental.

*Paula Pinto de Freitas*

